IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

HISTÓRIA, PRESERVAÇÃO e PROJETO: ENTRE O PASSADO e FUTURO.

SESSÃO TEMÁTICA:

Novas fronteiras e novos pactos para pesquisas e projetos situados em área de preservação e patrimônio cultural.

Autor: Fernanda Fernandes da Silva
Filiação Institucional: FAUUSP

feufernandes@terra.com.br

HISTÓRIA, PRESERVAÇÃO e PROJETO: ENTRE O PASSADO e FUTURO.

RESUMO

O século XIX é considerado o século da história moderna, da história da arte e da estética e também das primeiras teorias sobre o restauro arquitetônico. Os primeiros pensadores sobre o tema apontam a necessidade de estudar e conhecer as obras do passado para melhor preservá-las e assim contribuem para o conhecimento da história da arquitetura e da história urbana e para os princípios que informam o restauro arquitetônico. A partir dessa premissa este trabalho busca refletir sobre o momento da institucionalização da preservação no Brasil com a criação do SPHAN em 1937 e sua ação tanto no campo do restauro como também das pesquisas e estudos sobre arquitetura divulgadas sistematicamente através de sua revista. Na atualidade, IPHAN não se dedica mais a trabalhos de restauro, tendo a posição de baliza para os projetos de intervenção através de sua análise e aprovação. Paralelamente os projetos de restauro são cada vez mais presentes no cotidiano da atuação profissional dos arquitetos. Frente a estas mudanças significativas, revela-se oportuno revisitar esse momento inicial da constituição do campo da preservação no Brasil.

Palavras-chave: preservação, restauro, história da arquitetura.

HISTORY, and PRESERVATION PROJECT: BETWEEN THE PAST and FUTURE.

ABSTRACT

The nineteenth century is considered the century of modern history, history of art and aesthetics and also the first theories of architectural restoration. The first thinkers on the subject point to the need to study and know the works of the past to better preserve them and thus contribute to the knowledge of the history of architecture and urban history and the principles inform the architectural restoration. From this premise this work seeks to reflect on the moment of institutionalization of preservation in Brazil with the creation of SPHAN in 1937 and its action both in the field of restoration as well as the research and studies on architecture disclosed systematically through your magazine. At present, IPHAN does not engage more restoration work, with the goal position for the intervention project through its review and approval. Alongside the restoration projects are increasingly present in the daily work of professional architects. In view of these significant changes, it proves to be opportune to revisit that initial moment of the constitution of the field of conservation in Brazil.

Keywords: preservation, restoration, history of architecture.

A institucionalização da preservação no Brasil com a criação do SPHAN em 1937 e sua consequente ação tanto no campo do restauro como nos estudos e pesquisas sobre arquitetura, divulgados sistematicamente em sua revista, que passa ser publicada no mesmo ano, nos conduz à indagação sobre como se dá a interlocução entre esses dois campos, ou seja, entre história e restauro.

O Sphan nasce no ambiente do modernismo brasileiro com a intenção de repensar o passado em função de uma tradição concebida no interior do projeto moderno¹. Assim, ao contrário das vanguardas europeias o modernismo brasileiro tem como peculiaridade a adoção de uma nova linguagem estética em diálogo com a construção de uma tradição. Considera-se como marco inaugural desse processo a viagem a Minas Gerais realizada em 1924 pelos escritores modernistas Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e pelo poeta Blaise Cendrars, que estava no Brasil a convite de Paulo Prado. Neste momento entram em contato com as cidades históricas, impulsionando a valorização e preservação desse patrimônio. Tarsila do Amaral conheceu a arquitetura colonial, as esculturas do Aleijadinho e as paisagens mineiras registradas em desenhos e esboços, além de anotações de viagem, que revelam a descoberta da simplicidade e das cores presentes nas decorações populares, processo de revalorização desse passado até então pouco conhecido e assim confluindo para a revisão de tradições esquecidas².

Lúcio Costa , então adepto do neocolonial, faz o mesmo movimento em relação à tradição quando visita Diamantina em 1922³. Na ocasião o arquiteto comenta o impacto causado pelo contato com a cidade.

“Lá chegando caí em cheio no passado, um passado de verdade que eu ignorava, um passado novo em folha para mim. Foi uma revelação: casas, igrejas, pousada dos tropeiros, era tudo de pau-a-pique, ou seja fortes arcabouços de madeira – esteios, baldrames,

¹ O SPHAN se estruturou em duas divisões técnicas: a Divisão de Estudos e Tombamento (DET) e a Divisão de Conservação e Restauração (DCR). E contava com quatro Distritos Regionais: 1ºDR N/NE Airton Carvalho; 2ºDR Bahia e Sergipe Godofredo Filho; 3ºDR Minas Silvío de Vasconcellos; 4ºDR sul Luís Saia, que sucedeu a Mário de Andrade como superintendente.

² Sobre a viagem a Minas ver Regina Teixeira de Barros. Tarsila Viajante. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2008. (catálogo de exposição)

³ Os intelectuais que lideram o movimento neocolonial são o engenheiro português Ricardo Severo em São Paulo e José Mariano Filho no Rio de Janeiro, esses intelectuais visitavam as cidades históricas e produziam documentação a respeito. A visita a Diamantina de Lúcio Costa se insere nesse contexto.

*frechais – enquadrando paredes de trama barreada, a chamada taipa de mão, ou de sebe, ao contrário de São Paulo onde a taipa de pilão imperava”.*⁴

Este trecho é revelador da atenção conferida pelo arquiteto às soluções construtivas utilizadas na arquitetura colonial de Minas, aspecto que posteriormente irá reverberar em seu texto, *Documentação Necessária*, publicado em 1938, no primeiro número da Revista do SPHAN, em que estabelece singular relação entre a arquitetura moderna e as simples construções tradicionais, em ambas destacando a simplicidade construtiva e assim iniciando uma elaboração teórica que constrói vínculos entre modernidade e tradição. Em consonância com esta concepção, a releitura de nossa arquitetura tradicional estará presente também nas obras arquitetônicas de Lúcio, como o Hotel de Nova Friburgo e as habitações do Parque Guinle.

Lúcio Costa será o grande mentor da proposta moderna no Brasil e também da tradição arquitetônica que estava sendo construída naqueles anos pela ação do SPHAN, onde sua atuação é decisiva.⁵ Além da arquitetura vernácula, defendida por Lúcio Costa em seu texto, também o barroco das igrejas mineiras alinha-se na construção de uma tradição, considerados elementos genuínos de uma brasilidade que comparece no presente de maneira renovada.

Os estudos sobre o barroco serão uma constante nos artigos publicados pela Revista do SPHAN, que como declara Rodrigo Melo Franco de Andrade, tem por objetivo - “... *divulgar o conhecimento dos valores de arte e de história que o Brasil possui e contribuir empenhadamente para seu estudo.*”⁶ De fato, já no segundo número da revista é do próprio Rodrigo um artigo sobre o Aleijadinho onde são apresentados os estudos realizados pela instituição sobre o artista mineiro, comprovados por consistente documentação⁷.

O barroco também é analisado na Revista do SPHAN a partir de outra matriz, por Hannah Levy em seu artigo – *A propósito de três teorias sobre o barroco*, em que a estudiosa introduz as teorias de Heinrich Wölfflin, Max Dvorák e Leo Balet, observando que estes autores filiam-se a diferentes tendências da História da Arte. Hannah Levy tinha sido contratada por Rodrigo M.F. de Andrade para ministrar cursos de história da arte para a formação dos técnicos do SPHAN, onde permaneceu durante três anos se dedicando ao

⁴ Lúcio Costa. Diamantina. In Lúcio Costa. Registro de uma Vivência: São Paulo: Empresa das Artes 1995, p.27

⁵ Lúcio Costa foi o chefe da Divisão de Estudos e Tombamento (DET) entre 1937 e 1972.

⁶ Rodrigo Melo Franco de Andrade, advogado mineiro, foi dirigente do SPHAN de 1936 a 1967, a citação se refere a apresentação feita por Rodrigo no primeiro número da Revista do SPHAN.

⁷ Rodrigo Mello Franco de Andrade. Contribuição para o estudo da obra do Aleijadinho. Revista do SPHAN 2. Rio de Janeiro, 1938, pp.255-297.

ensino e a pesquisa⁸. De origem alemã, Hannah Levy concluiu seus estudos de história da arte em Paris e ali realizou seu trabalho de conclusão de curso sobre H. Wölfflin, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Paris em 1936. No ano seguinte se transfere para o Brasil como parte da diáspora ocasionada pela segunda guerra mundial e aqui permanece por dez anos⁹.

Hannah Levy publicou o resultado de seus estudos junto à instituição na Revista do SPHAN, sendo que aqui nos interessa principalmente o artigo – “*Valor artístico e valor histórico. Importante problema da história da arte*”¹⁰, em que a autora esclarece sobre os critérios de julgamento na história da arte, observando que a distinção entre valor histórico e valor artístico é tema fundamental nas discussões que acontecem naquele momento no plano internacional e são considerados valores relativos pois neles incidem fatores extra artísticos, além de serem mutáveis ao longo do tempo.

A autora também assinala que considera a dialética entre valor histórico e valor artístico de especial interesse para o SPHAN, visto que a distinção entre os diversos valores presentes na obra de arquitetura é fundamental para enfrentar os problemas concernentes ao campo do restauro. Continua sua argumentação em relação à arquitetura colocando um problema recorrente neste campo, ou seja, uma obra chega ao presente com características que são o resultado de uma série de intervenções sofridas ao longo do tempo e, neste caso, qual a atitude a ser tomada em relação à sua restauração? Hanna Levy assim sintetiza o problema a ser enfrentado: “*Deverá o restaurador fazer desaparecer todos os acréscimos posteriores á época da primeira construção? Deverá conservá-los?*”, conclui afirmando que a solução virá da análise dos diferentes valores presentes na obra em exame. Neste sentido evoca E.E. Viollet-le-Duc observando que o arquiteto francês, considerado como um dos fundadores do campo do restauro, tem sido alvo de muitas críticas por não conferir importância à pluralidade de valores que confluem na mesma obra.

O século XIX é considerado o século da história moderna, da história da arte e da estética e também das primeiras teorias sobre o restauro arquitetônico. Os primeiros pensadores sobre o tema apontam a necessidade de estudar e conhecer as obras do passado para melhor preservá-las. Essa posição é bastante clara nas reflexões do arquiteto francês Viollet-le-Duc, posteriormente encampadas por Camilo Boito e Gustavo Giovannoni e continuam sendo pertinentes no contexto atual das teorias de preservação. Dessa postura

⁸ Outros historiadores estrangeiros também colaboraram com a instituição como German Bazin e Robert Smith.

⁹ Sobre a atuação de Hannah Levy no SPHAN me baseio na cuidadosa pesquisa de Adriana Nakamura. Hanna Levy e o SPHAN: história da arte e patrimônio. Série pesquisa e documentação do IPHAN. Rio de Janeiro; IPHAN, 2010

¹⁰ Hanna Levy. Valor histórico e valor artístico. Importante problema da História da Arte. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no.4. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940, p.181-192.

decorrem as contribuições desses estudiosos para o conhecimento da história da arquitetura e da história urbana através de seus estudos e pesquisas, fundamentais para a adequada preservação das arquiteturas do passado.

Este aspecto do estudo e conhecimento detalhado da obra arquitetônica como premissa para a intervenção na arquitetura inicialmente colocada por Viollet-le Duc, é considerada ainda válida, contudo as ações de restauro propostas pelo arquiteto francês como retomada da unidade estilística da obra foram alvo de várias críticas ao longo do tempo. De fato, como parte do processo de revisões ocorrido no segundo pós-guerra europeu em relação aos princípios que até então tinham informado as ações de restauro, a dialética entre valor histórico e valor artístico ganha proeminência como fator a ser enfrentado nos trabalhos de restauro, como nova postura crítica.

Assim, no ambiente cultural italiano assiste-se à passagem do restauro filológico de Giovannoni, para o restauro crítico formulado pelos teóricos Renato Bonelli e Roberto Pane, considerando como parte fundamental da ação de restauro um estudo minucioso sobre a obra a ser restaurada, com atenção para os aspectos históricos e artísticos que nela convivem, nem sempre em harmonia¹¹. Segundo os teóricos, a partir da dialética entre esses dois valores, seria possível realizar uma intervenção balizada e teoricamente fundamentada, tendo em vista a preservação da obra para o futuro. O pensamento sobre o restauro crítico, secundado pela posição teórica do também italiano Cesare Brandi, irá embasar os princípios sistematizados na Carta de Veneza (1964), que ainda hoje mantém sua validade e alarga a aplicação dos procedimentos de restauro, do edifício isolado para o ambiente antigo, e para a paisagem urbana e, enfim, para toda a cidade.

Neste contexto inserem-se as observações colocadas por Hannad Levy em seu artigo. Contudo, suas indagações, bastante pertinentes naquele momento, parece não terem encontrado espaço no ambiente do SPHAN que cumpre de maneira exemplar a iniciativa de estudo do nosso passado colonial, primeiro objeto de sua ação de preservação, contudo não chega a sistematizar os procedimentos utilizados em obras de restauração, de modo a configurar uma metodologia de intervenção a ser adotada.

Somente anos mais tarde, o arquiteto Antonio Luiz Dias de Andrade, então superintendente da Regional do IPHAN de São Paulo, sucessor do arquiteto Luís Saia, irá refletir sobre os procedimentos adotados nas obras de restauro realizadas pela instituição que então dirigia,

¹¹ Sobre o assunto ver principalmente: Renato Bonelli. O restauro como forma de cultura. In *Architettura e restauro*. Venezia: Neri Pozza Editore, 1959, pp.13-29 e também Roberto Pane. *Il restauro dei monumenti e la chiesa di S. Chiara in Napoli*. In *Architettura e arti figurative*. Venezia: Neri Pozza Editore, 1948, pp.7-42.

na sua tese de doutorado defendida na FAUUSP em 1993¹². Segundo Andrade, Lúcio Costa assumiu a maior parte das responsabilidades relativas à orientação técnica dos trabalhos de restauro realizados pelo SPHAN, como chefe da seção de estudos e tombamentos, atividade que desenvolveu entre 1937 e 1972.

Pela dupla atuação de Lúcio Costa - em relação ao projeto e à teorização da arquitetura moderna no Brasil e também em relação à construção de uma tradição articulando com maestria as relações entre a arquitetura tradicional e a arquitetura moderna - Andrade irá indagar em que medida os compromissos com o racionalismo arquitetônico não teriam influenciado sobre os juízos de valor praticados em relação ao patrimônio arquitetônico. Considerando esse aspecto não podemos deixar de assinalar que as tradições assim como a história, são construídas a partir do presente e de alguma forma deixam a marca das valorações presentes em dado momento histórico, sendo que as relações que os grupos sociais mantêm com seu passado, se modificam ao longo do tempo. Portanto, não se deve desconsiderar o peso que o olhar moderno teve sobre as eleições feitas em relação ao passado colonial, que se fazem presentes na historiografia arquitetônica que por um lado consolida os vínculos entre o moderno e o colonial e por outro exclui a produção do ecletismo, visto como episódio a ser esquecido pela aparente ausência de brasilidade a ele conferida.

Andrade também destaca que, *“em momento algum o SPHAN julgou necessário investir na definição de critérios mais rigorosos que auxiliassem os seus técnicos na condução das inúmeras obras de conservação e restauração, supondo ser impraticável em alguma norma a diversidade de situações e a heterogeneidade das características do patrimônio arquitetônico do país”*¹³. E acrescenta, *“... a familiaridade com os processos construtivos tradicionais pareciam a Lúcio Costa suficientes para habilitar os arquitetos a enfrentar os problemas das obras de restauração”*. Embora Andrade esclareça que tanto Rodrigo Melo Franco de Andrade como também Lúcio Costa tivessem pleno conhecimento da Carta de Restauro de Atenas, de 1931, que então orientava as ações no campo do restauro em âmbito internacional, os princípios presentes na carta não foram considerados nas obras de restauração realizadas pelo SPHAN.

A análise das obras de restauração conduzidas pelo órgão mostram que as intervenções buscavam reviver a integridade da “harmonia originária”. Com essa matriz, Andrade se detém na análise do restauro realizado pelo órgão entre 1939 e 1941 na Igreja de Nossa Sra

¹² Antonio Luiz Dias de Andrade. Um estado completo que pode jamais ter existido. Tese de doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1993.

¹³ Andrade op.cit 1993, p.120

do Rosário em Embu, SP, como representativa das soluções de restauro empreendidas pelo órgão na sua fase inicial. Quando foi tombado, o conjunto arquitetônico de Embu encontrava-se em avançado estado de degradação: a igreja teve o seu frontispício alterado na década de 1920, e a residência anexa dos jesuítas encontrava-se em ruínas. Uma nova torre tinha sido construída entre a igreja e a residência dos padres, alterando a fisionomia do conjunto, parcialmente registrada por fotos de 1908, realizadas durante a visita de Washington Luís a obra.

Os estudos para a restauração foram iniciados em 1938 por Luís Saia, então superintendente da regional de São Paulo, com o intuito de restituir ao conjunto “seu aspecto primitivo”. Contudo a documentação fotográfica disponível não foi suficiente para tornar possível a reconstrução do frontão da igreja e do telhado da torre sineira. Frente as dificuldades encontradas no trabalho surgiram divergências entre as propostas apresentadas por Luís Saia e as considerações discordantes de Lúcio Costa, que considerava que na falta de informações as partes faltantes deveriam ser refeitas “*de acordo com o espírito da época*”. O método se baseava na comparação com as soluções arquitetônicas presentes em outros edifícios da mesma época que pudessem esclarecer sobre o modo de fazer do período.

No diálogo empreendido por Lúcio Costa e Luís Saia na busca da melhor solução a ser adotado pela restauração verifica-se a familiaridade de ambos em relação às técnicas construtivas utilizadas nas construções tradicionais brasileiras dos séculos XVII e XVIII e as adequações a serem feitas em cada caso específico, referindo-se sempre a outros edifícios do mesmo período. Portanto as reconstruções eram realizadas em função do princípio de similaridade entre as obras de uma mesma época, ou seja, um estilo. Em relação à torre sineira foi adotado um telhado de duas águas, projeto de Lúcio Costa, contudo, verificou-se posteriormente em função de novos documentos encontrados, que a solução da cobertura da torre sineira era em três águas, não correspondendo à forma final definida pelo restauro e assim conduzindo a obra a uma “*solução que jamais existiu*”. Com estas palavras Andrade finaliza a sua análise, referindo-se à frase que intitula a sua tese e que remete ao pensamento de Viollet-le-Duc, mentor do restauro estilístico: “*Um estado completo que pode jamais ter existido*”. O procedimento adotado pelo SPHAN com o propósito de *recuperar “o primitivo aspecto”* do edifício, conduzia de fato a resultados que nunca tinham existido e foi utilizado por Luís Saia de maneira sistemática no restauro das chamadas “casas bandeiristas”, tomadas como símbolo de um passado paulista.

Andrade observa que este procedimento não acontecia apenas na regional paulista do SPHAN, mas comparece em várias regiões do país e destaca como exemplo a igreja de

São Cosme e Damião em Igarassu, Pernambuco, na qual se buscou restituir as formas perdidas com a reconstituição de um suposto frontispício do século XVI em detrimento daquele existente do século XVIII, buscando assim arcaizar o aspecto geral da igreja.

Estas ações retroativas no tempo, que Antonio L.D. de Andrade relaciona com o pensamento de Viollet-le-Duc sobre restauração, primam pela reconstrução de edifícios como é o caso do restauro empreendido pelo arquiteto na cidade fortificada francesa de Carcassone. Contudo, este não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, pois se verifica também em outros países latino-americanos no mesmo período, como mostra Ana Lúcia Cerávolo no seu doutorado¹⁴. Para tratar desse argumento, Cerávolo toma como referência um artigo apresentado no V Congresso Panamericano de Arquitetos (1940) pelo arquiteto argentino Mario Buschiazzo, em que é apresentado o restauro por ele realizado no *Cabildo* de Buenos Aires.

Buschiazzo trabalhou como técnico da Comissão Nacional de Museus e Locais Históricos, sendo responsável por várias obras de restauração e no seu texto expõe o teor das concepções utilizadas no caso do Cabildo de Buenos Aires e também se refere às críticas que sofreu em função das soluções adotadas, consideradas não como um projeto de restauro propriamente dito, mas sim como simples reconstrução. Neste sentido, o arquiteto advoga a seu favor evocando sua experiência na área e também a familiaridade com os problemas ligados à conservação dos monumentos históricos. Também esclarece que sua posição não é fruto do desconhecimento das teorias mais recentes sobre o restauro, pois sabe perfeitamente que a mais de meio século não são mais adotadas as práticas estabelecidas por Viollet-le-Duc, tendo sido substituídas por outras de acordo com a “verdade histórica”. Assim explica o arquiteto as suas motivações nesse caso específico:

*“ La reacción contra los ortodoxos procedimientos de Viollet-le-Duc originó la práctica actual, consistente en conservar y no restaurar. Tal sistema se admite sin dificultades en los grandes monumentos europeos (...), donde los agregados y variantes hechos en muchos siglos no alcanzaran a desnaturalizar el conjunto. Pero no es este el caso del Cabildo de Buenos Aires, edificio de extraordinario valor histórico, que había sido desfigurado totalmente, sin quedar nada (...). Los principios de Viollet-le-Duc se imponían en este caso, aun a riesgo de parecer anticuado o desconocedor de las modernas teorías.”*¹⁵

Esta passagem de Mario Buschiazzo é fundamental para a compreensão do dilema latino-americano, no momento de constituição de suas identidades nacionais e da busca de

¹⁴ Ana Lúcia Cerávolo. Interpretações do patrimônio: arquitetura e urbanismo modernos na constituição de uma cultura de intervenção no Brasil, anos 1930-60. Tese de doutorado. São Carlos: EESC-USP, 2010

¹⁵ apud Cerávolo 2010, p.140.

tradições que marcassem as especificidades de cada um deles. Como bem coloca Hallbwacks *“a memória repousa nas pedras da cidade”*, e assim as tradições construídas necessitam de referências materiais para sua consolidação. Recém saída de uma posição de “Novo Mundo”, imagem constituída a partir de um olhar europeu, a América-latina não construiu suas tradições apenas teoricamente mas sentiu a necessidade de as reconstruir também em pedras, mesmo se “nada restasse”, como mostra Buschiazzo.

No Brasil, esta postura será revista fora do campo institucional pela atuação da arquiteta Lina Bo Bardi no projeto de restauração do Solar do Unhão, em Salvador. Lina se transfere para Salvador em 1958 como diretora do Museu de Arte Moderna na Bahia e paralelamente propõe a criação de um Museu de Arte Popular, a ser instalado no antigo solar, que para abrigá-lo deveria sofrer uma intervenção de restauro do conjunto arquitetônico. Em relatório que acompanha o projeto, Lina esclarece os princípios metodológicos a serem utilizados, que se apresentam em consonância com o restauro crítico¹⁶. Os mesmos critérios são adotados pela arquiteta anos depois na intervenção realizada em antiga fábrica de tambores na Pompéia, São Paulo, e que dará origem ao SESC-Fábrica Pompéia.

Na atualidade, o IPHAN não se dedica mais a desenvolver trabalhos de restauro, assumindo a posição de baliza para os projetos de intervenção através de sua análise e aprovação. Paralelamente os projetos de restauração estão cada vez mais presentes no cotidiano de atuação dos arquitetos, exigindo a instituição de uma disciplina na graduação nas Faculdades de Arquitetura – História e Teoria das Técnicas Retrospectivas - para contribuir para a formação neste campo de conhecimento específico. Por outro lado, alguns estudos recentes sobre os projetos de intervenção nas obras de valor histórico e artístico mostra que os resultados nem sempre têm sido satisfatórios se considerados do ponto de vista do campo do restauro, na medida em que muitos destes projetos acabarem por privilegiar as ações contemporâneas em detrimento da configuração, e da história, da obra que teoricamente pretendem preservar.

Frente a estas mudanças significativas, torna-se cada vez mais premente o enfrentamento da multiplicidade de valores presentes nas obras ao longo do desenvolvimento de um projeto de restauração, quando a atividade projetual distancia o projeto arquitetônico de restauração do projeto arquitetônico do novo, demandando procedimentos e cuidados específicos na relação com o passado. Esse debate, de grande atualidade, tem como um de seus aspectos centrais a atenção para com as relações que se deve estabelecer entre o

¹⁶ o Documento assinado por Lina Bardi. “Critério proposto para a restauração do Solar do Unhão”, está publicado como anexo no doutorado de Ana Cerávolo, op.cit 2010, p.304-305

antigo e o novo, matéria complexa que demanda enfoque crítico e metodológico adequados para a incontornável fundamentação do projeto de restauração.

Bibliografia de referência:

- ANDRADE, Antonio L. D. *Um estado completo que pode jamais ter existido*. Tese de doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1993.
- ANDRADE, Rodrigo M. F. de. Contribuição para o estudo da obra do Aleijadinho. In, *Revista do SPHAN* 2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938, pp.255-297.
- BARROS, Regina T. *Tarsila Viajante*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2008. (catálogo de exposição).
- BONELLI, Renato. O restauro como forma de cultura. In *Architettura e restauro*. Venezia: Neri Pozza Editore, 1959, pp.13-29.
- CERAVOLO, Ana L. *Interpretações do patrimônio: arquitetura e urbanismo modernos na constituição de uma cultura de intervenção no Brasil, anos 1930-60*. Tese de doutorado. São Carlos:
- COSTA, Lúcio. *Registro de uma Vivência*: São Paulo: Empresa das Artes 1995, p.27
- LEVY, Hanna. Valor histórico e valor artístico. Importante problema da História da Arte. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no.4*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940, p.181-192.
- NAKAMURA, Adriana. *Hanna Levy e o SPHAN: história da arte e patrimônio*. Série pesquisa e documentação do IPHAN. Rio de Janeiro; IPHAN, 2010.
- PANE, Roberto. Il restauro dei monumenti e la chiesa di S. Chiara in Napoli. In *Architettura e arti figurative*. Venezia: Neri Pozza Editore, 1948, pp.7-42.